

Do *underground* brotam flores do mal: contracultura e anarquismo na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)

João Henrique C. Oliveira (*)

RESUMO

A proposta do trabalho foi investigar a atuação de grupos anarquistas e contraculturais no Brasil, entre 1969 e 1992, privilegiando como fontes primárias os jornais por eles publicados. Partindo de suas idéias-base, tais grupos foram divididos em dois: os que se reivindicavam anarquistas e os que eram mais prontamente identificados com os “movimentos de contracultura”. Assim, pretendeu-se avaliar como o anarquismo foi *ressignificado* no contexto dos anos 60/70/80 no Brasil. Além disso, delinear que tipo de relação foi estabelecida entre os movimentos de contracultura e a filosofia libertária, ressaltando ainda o legado/influência que tais ideologias deixaram para os movimentos sociais contemporâneos.

Palavras-chave: anarquismo, contracultura, imprensa alternativa.

ABSTRACT

This research aims investigate the activity of anarchist and counterculture groups in Brazil, between 1969 and 1992, using their alternative newspapers as primary fonts. From their base-ideas, they are divided in two tendencies: the self-nominated anarchists and those ones who were identified with the “counterculture movements”. The objective here is to assess how anarchism was “recover” on the context of 1960’s , 1970’s and 1980’s; or even, to discover what type of relation was established between counterculture movements and anarchist philosophy, pointing out the present influence in contemporary social movements.

Keywords: anarchism, counterculture, alternative press.

(*) Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Introdução

A historiografia da imprensa alternativa no Brasil vem trabalhando, há tempos, com um conjunto de fontes que acabou se tornando sinônimo desse tipo de mídia independente. Quando se fala do período de ditadura civil-militar no país (1964-1985), por exemplo, as referências giram em torno de *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião*, *Em Tempo* etc. Contudo, poucos ouviram falar de títulos como *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Tribo*, *Ação Direta*, *Soma* e outros que representaram grupos também opostos à ditadura, porém pouco lembrados (ou até mesmo esquecidos) pelos pesquisadores das esquerdas.

A proposta da pesquisa – aqui apresentada de forma resumida – foi justamente focalizar a atuação desses grupos libertários, entre 1969 e 1992, privilegiando como fontes primárias os jornais por eles publicados. Interessava demonstrar que o espectro tanto dos jornais alternativos quanto das esquerdas no Brasil foi bem mais amplo do que se costuma pensar, revelando diferentes espaços sociais do fazer imprensa e contribuindo para o conhecimento de memórias pouco valorizadas pelas principais linhas de investigação historiográfica.

De início, era necessário estabelecer marcos conceituais para um recorte temático-cronológico que tornasse exequível a pesquisa. Nesse sentido, três temas gerais foram delineados: *contracultura*, *anarquismo*, *imprensa alternativa*. A partir daí, iniciou-se a operação de *recorte de arestas*.

Uma definição de “contracultura” se fez necessária. Todavia, dois caminhos se apresentaram logo de início: um caminho *histórico* e outro *a-histórico*. No primeiro caso, interessaria delimitar o campo do fenômeno, localizá-lo no tempo-espaço e definir marcos investigativos consistentes. No segundo, a contracultura seria compreendida em sua acepção mais ampla, que brota da própria estrutura da palavra. Ou seja: contracultura poderia ser *tudo* aquilo que estivesse *contra* uma determinada *cultura*.

Logo, era impossível não tratar, ainda que de forma superficial, da temática da cultura. Nesse sentido, buscou-se uma linha teórica distinta do que se habituou a chamar de “culturalismo”, ou seja, uma perspectiva epistemológica que superdimensionaria o peso da “cultura” (entendida aqui como algo ligado ao campo das representações, a padrões de comportamento, a simbologias etc.) nos acontecimentos históricos, tornando secundários (ou até mesmo nulos) os fatores econômicos, sociais e políticos.¹ Pelo contrário, procurou-se dar

¹ É óbvio que a discussão sobre o culturalismo é muito mais profunda do que expus sucintamente no texto acima. No entanto, fugiríamos demais de nosso objetivo se tratássemos aqui de tal debate.

pesos iguais às diversas esferas, não perdendo de vista uma *concepção sócio-histórica da cultura*.

A escolha, portanto, foi seguir o caminho da história. Interessava entender uma “contracultura” historicamente localizada, materialmente articulada por sujeitos sociais concretos, condicionados por seu entorno social, político e econômico. Em especial, a contracultura que desponta nos anos 60/70, partindo de regiões ocidentais industrializadas (principalmente Estados Unidos e Europa) e influenciando outros pontos do planeta pelas vias da indústria cultural.²

Em tal acepção, o conceito *contracultura* vai definir um heterogêneo caldo de grupos e movimentos sociais que trazem alguns traços em comum, entre outros: (a) a oposição aos sistemas *tecnocráticos* que emergem no cenário da Guerra Fria³; (b) a participação maciça de jovens e de alguns “gurus” da geração dos anos 40 e 50 (como os *beatniks*, por exemplo); e (c) a defesa de uma *práxis* essencialmente *libertária*.

A partir dessa definição, escolhemos tratar da atuação de grupos de contracultura no Brasil dos tempos de ditadura civil-militar; saber como as idéias da contracultura foram tratadas nessas terras abaixo do Equador; e mapear, ainda que de forma incompleta, grupos e indivíduos que melhor representariam essa tendência em nosso país. Nesse mesmo movimento, procurou-se contribuir para uma visão mais ampla da história das esquerdas, alargando o entendimento “senso comum” que só considera os sujeitos influenciados pelo ideário marxista-leninista.

Devia-se, contudo, partir de algo concreto, de alguma manifestação material dessas idéias e práticas. Dessa maneira, não conseguimos achar melhores fontes do que os jornais independentes publicados por esses grupos. Veio daí a opção de trabalhar com o vasto universo da *imprensa alternativa brasileira*, selecionando alguns títulos que julgamos adequados aos objetivos iniciais.

Mas também não bastava falar da contracultura brasileira de uma forma que já foi abordada em alguns trabalhos. Estudos que, embora não tão numerosos, trataram dos grupos de contracultura em seus aspectos mais conhecidos (*hippies*, poesia marginal, revolução sexual etc.). Fez-se, ao contrário, a opção por abordar as interconexões entre

² Alguns teóricos entenderam “contracultura” para além de fronteiras históricas. Trata-se de uma definição válida, posto que a própria estrutura da palavra traga a noção de um conjunto de valores que contradizem os da sociedade dominante. A partir daí, poderiam ser considerados “contraculturais” movimentos como a cristandade – na Jerusalém judaica e na Roma pagã – ou algumas seitas da Inglaterra do século XVII.

³ Pode-se entender a “tecnocracia” como a forma de administração social encabeçada por Estados Nacionais fortes e militarizados que buscam sua legitimação numa suposta neutralidade do saber científico e tecnológico. Foi característico dos blocos capitalista (EUA) e “socialista” (URSS) no auge da Guerra Fria.

movimentos de contracultura e idéias/práticas inspiradas no *anarquismo*. Assim, tratou-se de descobrir *como, aonde e por quem* a *práxis* anarquista vinha sendo atualizada, *ressignificada*, naqueles anos pós Segunda Guerra Mundial. Tínhamos a referência de autores estrangeiros, que já haviam observado a tendência de retomada do anarquismo diante da burocratização excessiva dos partidos marxista-leninistas em todo o mundo (Cf. WOODCOCK, 1984). Restava indagar como teria se dado esse “renascimento” do anarquismo no Brasil.

Buscando responder a essa questão, descobrimos que a história das esquerdas no Brasil ainda pode nos revelar nuances que surpreendem aqueles que se acostumaram a cenários prontos, construídos por versões historiográficas solidificadas. Para tanto, basta estar disposto a descer do barco que navega pelas correntes principais e caminhar nas margens, onde há muita vida escondida, ainda que em pequenos ramos, pronta para ser colhida.

A história que brota das margens: imprensa alternativa e contracultura no Brasil

Rivaldo Chinem, pesquisador da imprensa alternativa, conta que entre “1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar” (CHINEM, 1995: 7). Desse amplo e heterogêneo conjunto, escolhemos sete periódicos para perceber as relações entre contracultura e anarquismo: *O Pasquim* (interessando, em particular, a coluna *Underground*, assinada por Luiz Carlos Maciel), *Tribo*, *Soma*, *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*. Todos lançados entre as décadas de 60 e 90, com uma área de concentração maior entre os anos 70 e 80.

Seguindo a classificação proposta por Leila Miccolis (MICCOLIS, 1986), os primeiros três títulos da lista acima (*O Pasquim/Underground*, *Tribo* e *Soma*) identificar-se-iam mais com o que poderíamos chamar de “imaginário contracultural”. Os quatro últimos (*O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*), embora aludem por vezes à temática da contracultura, investiriam mais no resgate/reafirmção dos princípios ácratas, ressignificados no contexto pós-68. Mas cada um trazia uma rica singularidade.

Após a análise da coluna *Underground* (publicada no interior de *O Pasquim* entre 1970 e 1972), por exemplo, fica a impressão de que as referências de seu editor, Luís Carlos Maciel, estavam mais voltadas para a contracultura norte-americana. Não há diálogo direto com o anarquismo. Quando citado, o tema surge das declarações de alguns grupos da contracultura, como o *Living Theatre*, um coletivo de teatro independente que vivia uma experiência comunitária e tinha o anarquismo como influência teórica. Há mais referências, entretanto, a um discurso essencialmente psicanalítico, com destaque para Norman O’Brown

(são inúmeras as vezes que Maciel discute ou apresenta textos desse autor). Em outras vezes, são os aspectos religiosos/espirituais que são valorizados, como o zen budismo pregado por Alan Watts. Quando fala de Brasil, faz muitas referências ao grupo de artistas marginais representado por Waly Salomão, Hélio Oiticica, ou os mais conhecidos Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Tribo e *Soma* eram editados em menor escala, não tendo a visibilidade de *O Pasquim*. Mas, assim como *Underground*, também investiam na temática da contracultura: experimentalismo visual, busca de novas linguagens, diálogo com manifestações da indústria cultural (história em quadrinhos, *rock'n'roll*, cinema...), culto da estética psicodélica, entre outros tópicos. Esses dois jornais, no entanto, encampavam discursos mais próximos de um imaginário radical que não negava as referências como militância social, luta de classes e revolução. Nesse sentido, *Tribo* e *Soma* conseguem estabelecer pontes com um ideário mais *plenamente revolucionário*,⁴ sem abandonar, todavia, os revolucionamentos estéticos, espirituais e comportamentais típicos do discurso contracultural.

Nessa linha, *Tribo* (um jornal de vida curta, com três números publicados em 1972) trazia críticas aos problemas sociais em Brasília – cidade onde o tablóide surgiu, no meio universitário – e fazia referências indiretas (lembremos dos tempos de ditadura) às prisões injustas. Neste último caso, cita a desobediência civil de Henry David Thoreau (1817-1862), descrito no jornal como “um dos primeiros anarquistas americanos”.

Já *Soma*, em seu terceiro número, reproduzia (igualmente numa linguagem cifrada) notícias de jornal sobre a ditadura getulista do Estado Novo (1937-45). Para os mais atentos, fica claro que a alusão a uma ditadura passada era uma forma de crítica camuflada contra a ditadura de seu próprio tempo – mais ou menos entre 1973 e 1974, já que a datação do jornal não aparece na capa do número analisado. A *não-periodização* – representando o *não-tempo* daquelas *não-notícias* – expunha todo o experimentalismo da publicação. Seus editores, que se consideravam uma corrente de ruptura artística dentro do campo das artes-plásticas e da poesia, reivindicavam o fim da separação entre arte e política, demonstrando o desejo de engajamento. O posicionamento é francamente libertário, buscando se afastar tanto do capitalismo quanto do socialismo de Estado:

⁴ Também seria complicado discutir aqui o conceito de *revolução*, pois tomaria muito do espaço destinado ao artigo, além de fugir da temática central. Entendemos, todavia, que o sentido de *revolução social* gira em torno de um engajamento sócio-político visando a transformações mais profundas, em vez de apenas atentar para mudanças de comportamento ou de costumes (o que caracterizava muitos movimentos de contracultura).

*Eis aí a grande diferença da ditadura do proletariado, hoje ditadura “sobre” o proletariado, que absorve o indivíduo de tal maneira na coletividade, massacrando-o, despersonalizando-o; enquanto que o modo de produção capitalista aliena o homem, obrigando-o a se tornar um egoísta sensual e insatisfeito através da sociedade de consumo. O Estado é uma instituição histórica transitória, uma forma patogênica-social, a alienação fundamental.*⁵

Anarquismo nos tempos de ditadura

Quando morre o militante anarquista José Oiticica, em 1957, um dos elos geracionais do anarquismo brasileiro se rompe. Oiticica viveu o período em que o anarquismo obteve mais notoriedade entre as esquerdas. Participou da insurreição de novembro de 1918, quando um pequeno grupo pensou ser possível instituir um *soviete* no Rio de Janeiro, ou seja, um conselho de trabalhadores nos moldes da Revolução Russa (ADDOR, 2002). Os libertários mais próximos de Oiticica seguiram em frente com suas atividades culturais e publicações. Outros ativistas prestam uma homenagem ao criarem o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), em 1958.

O CEPJO realizava palestras, cursos e conferências sobre os mais diversos temas, tais como psicanálise, literatura, medicina, maçonaria e, obviamente, socialismo libertário. Em 1969 (em pleno regime militar) o Centro foi invadido por agentes da Aeronáutica, teve objetos destruídos, livros apreendidos e documentos rasgados. Alguns diretores haviam sido presos no Quartel da Aeronáutica, na Ilha do Governador. Outros detidos foram os estudantes ligados ao Movimento Estudantil Libertário (MEL), acusados de associação ao CEPJO e de distribuir “material subversivo”.

No inquérito policial (Cf. RODRIGUES, 1993) consta que os militantes – 16 ao todo – foram detidos com base na famigerada “Lei de Segurança Nacional”, acusados de difusão de “idéias incompatíveis com a Constituição Brasileira”, “manutenção de atividades perigosas”, “ofensa moral à autoridade” e “incitamento público à desobediência”. No julgamento, a defesa alegou, com base nos estatutos do CEPJO, que a doutrina anarquista não havia sido divulgada no local (uma mentira providencial, obviamente) e que não havia provas suficientes para caracterizar uma “ação subversiva”. Felizmente, todos foram absolvidos.

⁵ “An Arkhe”. *Soma*, s/loc, n°3, 1974 (?), p.3.

No final dos anos 70, com a relativa abertura do regime, novos grupos anarquistas foram surgindo. No ano de 1977, por exemplo, começa a ser publicado, em Salvador (BA), o periódico *O Inimigo do Rei*. Um jornal que exalava um inconfundível perfume contracultural, trazendo em suas páginas desde textos falando sobre os mártires de Chicago até matérias sobre sexualidade e maconha. A experiência editorial do *Inimigo* surpreendeu pela longevidade: de 1977 a 1988, com alguns hiatos. Depois dos primeiros números, a Bahia ficou pequena: colaboradores do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outros lugares participavam com textos e notícias que tornavam realidade a presença do anarquismo no país.

Como em *IR*, a revista *Barbárie* (Salvador, 1979-82) trazia um leque muito semelhante de temas: anarquismo, autogestão, movimento operário, minorias sociais (indígenas, homossexuais, negros, mulheres...), pedagogia libertária, embate anarquismo vs. marxismo e espaço para correntes filosóficas contemporâneas que vinham rediscutindo o papel do poder, do Estado e das instituições (Foucault, Deleuze, Chomsky, Guattari...).

Já o número 3 de *Autogestão* (São Paulo, junho de 1980) – o único no acervo de imprensa alternativa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) – mostra-se, de todos os periódicos anarquistas analisados, o mais simples em termos gráficos. Um formato de revista, 46 páginas datilografadas e fotocopiadas com raríssimas ilustrações. A proposta da publicação pode ser avaliada pelas chamadas de capa, fazendo referência, sobretudo, a discussões teóricas. Há traduções de textos e participação de intelectuais brasileiros. A escolha dos textos revela uma posição aberta da publicação, permitindo espaço a temáticas e autores libertários, mas não necessariamente anarquistas.

Essa imprensa alternativa anarquista, tendo como marco a publicação de *O Inimigo do Rei*, manteve sua atividade, mesmo após a “morte” do jornal baiano. O coletivo que publicou *Utopia* (1988-92), de certa forma, representou a continuação dessa mesma linhagem, reunindo elementos de diferentes gerações. Dos quatro títulos anarquistas pesquisados, *Utopia* é o que apresenta a diagramação mais leve e equilibrada, com boas escolhas de ilustrações. Em relação à temática, tinha muito em comum com os outros jornais. Contudo, há uma característica que se destaca: o investimento no tema da *ecologia social*.⁶ Em 1992, a revista deixa de ser lançada por dificuldades financeiras (uma sina dos veículos alternativos).

⁶ À ecologia social interessaria o estudo das interações entre a sociedade e a natureza. É uma das correntes mais influentes do chamado “eco-anarquismo” e deve muito de seus postulados aos trabalhos de Murray Bookchin (1921-2006).

Conclusões

No solo castigado da atualidade, sementes de rebeldia são arrancadas violentamente. Intolerância e autoritarismo são moedas ainda comuns, e a “maior democracia do planeta” é um imenso teatro tragicômico, mal conseguindo esconder os ímpetus imperialistas que escorrem por suas mandíbulas. Nesse quadro, pequenas células mantêm vivo o pensamento libertário, autônomo, autogestionário. E um neo-anarquismo, conforme um tanto impropriamente nomeou Woodcock (pois, em essência, ainda se trata de anarquismo), surge mesclado (e mesclando-se) nos mais destacados movimentos sociais da atualidade.

Nos anos 1990, os movimentos antineoliberalismo contaram com muitas bandeiras negras entre as marchas de Seattle ou Gênova – onde, afinal, foi um jovem anarquista a ser assassinado por policiais. Mais do que idéias ou idealismos reavivados, trata-se de presença concreta, em movimentos sociais ativos, nas ruas, nos choques, nas lutas de classe de cada dia.

Em tempos de massificação de informações pelas grandes corporações de mídia, também se faz necessária a ação de mídias independentes que reeditam, em certo sentido, a ânsia por liberdade de expressão dos alternativos de décadas atrás. E, agora, um novo elemento vem a tona: a Internet e as possibilidades de engajamento através das redes comunicacionais do ciberespaço.

Por tudo isso, torna-se atual e necessário tratar de *contracultura*, *imprensa alternativa* e *anarquismo* (ou, mais amplamente, *socialismo libertário*), visto que os canais para um desenvolvimento pleno das liberdades coletivas e individuais ainda estão obstruídos; e a história recente desses movimentos pode servir de inspiração para lutas presentes e futuras. Isso porque – embora alguns tentem nos fazer acreditar no contrário – as desigualdades, o conflito entre classes e a história ainda não acabaram.

Algumas referências bibliográficas

- ADDOR**, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- ARAÚJO**, Maria P. N. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- CASTORIADIS**, Cornelius. “Os Movimentos dos Anos 60”. IN: *Sobre o Conteúdo do Socialismo/Os Movimentos dos Anos 60*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.
- CHINEM**, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.
- GONBIM**, Richard. *As origens do esquerdismo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.
- GUARNACCIA**, Matteo. *Provos. Amsterdam e o nascimento da contracultura*. São Paulo: Conrad, 2001.
- KUCINSKI**, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.
- MARCUSE**, Herbert. *Ideologia da Sociedade Industrial*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MICCOLIS**, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.
- PAGANOTTO**, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo: “O Inimigo do Rei” (1977-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997.
- PINTO**, Leonardo Carvalho. “O Inimigo do Rei: um jornal anarquista”. IN: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp.133-45.
- RODRIGUES**, Edgar. *O anarquismo no banco dos réus. (1969-1972)*. Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.
- ROSZAK**, Theodore. *A contracultura. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- WOODCOCK**, George. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários. Vol 2: o movimento*. Porto Alegre: L&PM, 1984.